

## COLONAS DE RINCÃO DOS ALVES: UMA DISCUSSÃO SOBRE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Renata Piecha<sup>1</sup>  
Maria Catarina Chitolina Zanini<sup>2</sup>

### Resumo

Com base em pesquisa etnográfica e na análise de narrativas memoriais, o presente artigo objetiva analisar como os processos históricos de identificação se apresentam nas práticas de mulheres de origem camponesa na comunidade de Rincão dos Alves, no interior do município de Jaguari, situado na região central do Rio Grande do Sul. Como um território que se constitui partindo do projeto territorial colonial, a identidade dessas agricultoras remete a sua ascendência europeia, abarcando saberes-fazer de uma outra temporalidade, resguardados nas memórias, transmitidos pela oralidade e consolidados na experiência vivida no interior das famílias. São esses conhecimentos e práticas que possibilitam a essas colonas uma forma de renda, uma maior autonomia e agência, num rural que tende, ainda, a favorecer as figuras masculinas.

**Palavras-chave:** Identidade. Gênero. Trabalho. Memória.

### Abstract

Based on ethnographic research and the analysis of memory narratives, this article aims to analyze how the historical identification processes are presented in the practices of women of rural origin in the community of Rincão dos Alves, in the interior of the municipality of Jaguari, located in the central region of Rio Grande do Sul. Like a territory that is established starting from the colonial territorial project, the identity of these agricultural women relies on its European ancestry, embarking on the expertise of another temporality, respected in the memories, transmitted by oral tradition, and consolidated by a vivid experience within their families. There are knowledge and practices that make it possible for them to colonize an income form, greater autonomy, and agency, a rural number that tends to favor masculine figures.

**Keywords:** Identity. Genre. Work. Memory.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – e-mail: [renatapiecha3@gmail.com](mailto:renatapiecha3@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – e-mail: [zanini.ufsm@gmail.com](mailto:zanini.ufsm@gmail.com)

## Introdução

Resultante de pesquisa etnográfica, o presente artigo objetiva refletir sobre como os processos de identificação se constroem e dialogam com valores e práticas cotidianas de mulheres camponesas de origem europeia na comunidade de Rincão dos Alves, interior do município de Jaguari, região central do Rio Grande do Sul. Jaguari tem suas raízes fincadas no projeto de colonização iniciado no Brasil no século XIX. Entre os anos de 1888 e 1906, destinaram-se para esse território imigrantes europeus de diversas nacionalidades (alemães, italianos, poloneses, entre outros). Hoje, uma parcela significativa dos seus habitantes se identifica com esse passado colonizador, com base em histórias e narrativas que tendem a se manifestar na experiência vivida e que se reproduzem por entre gerações. Os mitos acerca da chegada dos europeus em solo brasileiro, a superação das inúmeras adversidades, a tomada do trabalho como virtude étnica são constituintes dessas visões de mundo. Há, nas construções acerca do processo colonizador europeu do Rio Grande do Sul, de uma forma mais ampla, a ideia de que as terras eram “espaços vazios” e de que os europeus trariam a elas civilização, progresso e modernidade.

A comunidade de Rincão dos Alves, localizada no interior do município, é formada, majoritariamente, por pessoas brancas/os descendentes de imigrantes europeus, dentre eles poloneses, italianos e alemães. São aproximadamente oitenta famílias, inseridas na “lógica do agronegócio” mediante o cultivo do tabaco, em propriedades que possuem, em média, 25 hectares. A mão de obra é familiar, fazendo com que se insiram na categoria de agricultores familiares e, além disso, a instituição família é compreendida como valor, engendrando-os na tônica do campesinato. Trata-se de um campesinato que dialoga com as lógicas do mercado, mas que, igualmente, mantém em seu interior, valorações e *ethos* que são específicos de sua origem.

Com base nesse contexto, objetivamos analisar as narrativas memoriais que emergiram durante a observação participante<sup>3</sup>, buscando apontar como as mulheres de Rincão dos Alves podem ser consideradas agentes ativas na “manutenção” de saberes-fazer de uma outra temporalidade, em processos de transmissão de conhecimentos e práticas que ocorrem por/entre mulheres, em diferentes ciclos de vida. Assim,

---

<sup>3</sup> Iniciada em 2018, interrompida em 2020 devido a Pandemia do SARS-Cov 19 e retomada em 2022, após o esquema vacinal completo.

almejamos destacar esse processo, resultante da socialização, tentando destacar suas hierarquias, significados e práticas que correspondem a esse desse dado estilo de vida, oriundo de um modo particular de ocupação do território durante o período colonial.

### **Território e identidade**

Localizado na região central do Rio Grande do Sul, tendo, hoje, aproximadamente 11.000 mil habitantes, a constituição histórica desse território está intrinsecamente relacionada à colonização europeia iniciada pelo governo imperial brasileiro e depois continuada no Brasil República. Nos anos de 1888 até 1906, Jaguari foi sendo povoado pelos imigrantes europeus das mais variadas nacionalidades, formando uma colônia mista. Todavia, é a presença dos italianos que se destaca discursivamente, reconhecendo-se e sendo reconhecido como um município de colonização italiana. Há, nesse sentido, um trabalho de agentes culturais de ascendência italiana que promovem e visão de uma italianidade local que finda por ser reconhecida e divulgada mais amplamente. Contudo, a composição étnica do município é mais variada. Por haver um certo orgulho de suas raízes, que secundariza existência de indígenas de origem guarani, língua que inclusive originou o nome do município<sup>4</sup>, há a revitalização constante de aspectos que remetem a chegada dos imigrantes, tanto nas construções arquitetônicas centenárias, como nos costumes e na religião - visto que este é um município, majoritariamente, católico. Essa manutenção se estrutura por meio de narrativas memoriais que sustentam o sentimento de pertencimento e sentenciam as práticas cotidianas.

---

<sup>4</sup> Jaguari, em Guarani, designa o Rio do Jaguar, referenciando um felídeo que ocupava essa região, assim como o afluente que cruza a região e leva o mesmo nome do município.

Figura 1 – Localização do município de Jaguari no Rio Grande do Sul (Brasil)



Fonte: Prefeitura de Jaguari.

Nos relatos dos documentos oficiais, de alguns escritos memorialistas de migrantes e de estudos referentes à imigração europeia no sul do Brasil (SEYFERTH, 2011; MARCHIORI, 1999), ressalta-se que, quando chegavam nas colônias, os colonos eram destinados a lotes, demarcados por linhas. Colônia era o nome atribuído ao espaço destinado à colonização, com demarcações entre espaço rural e alguma organização mais “urbana”. Em Jaguari, até hoje, comunidades rurais, como Linha 20, Linha 17 e Linha 15, referenciam essa demarcação. Todavia, a comunidade de Rincão dos Alves, lócus do nosso estudo, não foi destinada à colonização, mas, sim, constituía-se como uma sesmaria destinada ao português Zeferino Machado e, em seguida, passada mediante o sistema de herança, a seu primogênito, João Alves Machado – é com base em um dos seus sobrenomes que advém o Rincão dos Alves. Com o passar dos anos e, segundo relatos, pela má gestão da propriedade e dívidas inacabáveis, os descendentes da família Machado acabaram vendendo partes da propriedade que foram adquiridas pelos colonos e seus filhos, o que fez com que essa grande propriedade tivesse seu fim, sendo atualmente povoada por descendentes de imigrantes

européus. Assim, as trabalhadoras rurais de Rincão dos Alves são caracterizadas enquanto colonas, pois reivindicam e se auto atribuem uma origem étnica diferenciada – prerrogativas para a definição dos grupos étnicos de acordo com Giralda Seyferth (1986).

Salvaguardando o passado colonizador, o espectro da colonização sonda as identidades de quem nasce e cresce em Jaguari, baseadas no tempo em que seus antepassados, recém-chegados da Europa, superaram adversidades, lidando com a hostilidade da natureza, com a fome e com a morte. Como projeto desenvolvimentista, que trouxe ao Brasil pós abolição mão de obra branca e livre, o discurso nacional entendia e fomentava o caráter civilizatório da imigração europeia. Assim, construiu-se o mito do “herói-civilizador”, aquele que mediante o trabalho duro, realizado por mãos brancas, traria progresso ao país. Reconhecer-se com base na trajetória dos antepassados, em sua maioria homens dotados de civilidade, denota honra e prestígio.

Partindo do fato de que as identidades se constroem em contraposição aos demais grupos (BARTH, 2000), quando em contato com os que aqui moravam, como indígenas e negras/os, as/os colonas/os, baseando-se no percurso dos seus antepassados, tomam, principalmente, o trabalho que visa acumular capital como forma de ascensão social e diferenciação, transformando-o em “virtude étnica” (SEYFERTH, 1993). A ideia de trabalho como virtude étnica e uma qualidade própria da etnia (SEYFERTH, 1993) forma uma racionalidade voltado ao labor, como prerrogativa de existência. Em Rincão dos Alves a fumicultura é a principal atividade produtiva, marcada pela extensa exposição ao trabalho e por condições precárias de execução, visto que a produção permanece sendo manual. Voltado à figura do homem, em termos contratuais e por se concentrar na esfera produtiva, a inserção dos agricultores ocorre na integração entre as agroindústrias fumageiras e as famílias que assumem compromissos recíprocos de parceria.

Tendo em vista que as identidades se constroem em jogos, que envolvem relações de poder em constantes disputas (CUCHE, 1999) os demais trabalhadores rurais locais, considerados “brasileiros”, são lidos, pelas/os colonas/os como preguiçosos, sujos e não tão adeptos da honestidade. Características que se opõem aos descendentes de imigrantes europeus, que se apropriam de sua origem e, por isso, são atribuídos de uma maior moralidade, entendendo o trabalho, em específico, como dignificador, relacionando-se à honra e à disciplina. Entretanto, são concepções

formadoras de subjetividades e visões de mundo, que não coincidem necessariamente com a realidade, mas se baseiam na origem e na raça como atributo de superioridade étnica, como também já destacou Giralda Seyferth (1993). Ademais, Seyferth (1986) afirma que são os atores sociais que elegem seus símbolos que são quase sempre evocados como pertencimentos primordiais (ascendência, sangue ou raça, cultura e língua singulares) e com base nas experiências compartilhadas. É, assim, uma identidade que toma para si e para os outros sinais adscritivos (BARTH, 2000) que perduram até os dias de hoje e delimitam interações e hierarquias.

Essa valorização das origens faz com que alguns descendentes de imigrantes europeus residentes em Jaguari, tracem o caminho reverso da colonização, direcionando-se ao país de origem, buscando também a dupla cidadania. Esse fenômeno, como bem observou Maria Catarina Chitolina Zanini (2004) em seus estudos na região central do Rio Grande do Sul, é visível nas classes médias urbanas, enquanto que no mundo camponês as pessoas buscam outras formas de manutenção da identidade, tais como a alimentação. Porém, em Rincão dos Alves se pode observar que a denominação “colona/o” vem sendo substituída pela de trabalhadoras/es rurais ou agricultoras/es, principalmente, pela tímida e recente inserção dos Estados e de políticas públicas que chegam até essa população. Assim, definir-se de outras formas pode ser benéfico para obter determinados acessos a políticas públicas, destacando os usos práticos das identidades e a possibilidade de manipulação desses processos de identificação.

Nos últimos sessenta anos, a população jaguariense passou a ser, em sua maioria, urbana, estando no rural 43% dela, na qual 47% é composto por mulheres. Entretanto, ainda existe uma forte ligação com o interior do município, devido às origens familiares e vínculos de parentesco. Um exemplo disso ocorre quando moradores da cidade se dirigem ao interior de Jaguari para festividades, para os festejos das igrejas, que prezam pelos costumes dos imigrantes e, recentemente, para eventos que celebramos vínculos de pertencimento vinculados às origens das famílias e dos sobrenomes, as festas de família. Quando esses eventos ocorrem em Rincão dos Alves, a sede da comunidade, na qual se encontra a igreja, é escolhida, pois esse local é tomado como o ponto de partida das famílias em solo brasileiro. As interações são marcadas pelo compartilhamento e “resgate” das fotos da família, por histórias contadas pelos membros mais velhos, aqueles que, com base em Myriam Lins de Barros (1989), em seus estudos com mulheres de classe alta do Rio de Janeiro,

podemos denominar de guardiões da memória familiar. São eles que, em teoria, podem construir as narrativas legítimas acerca das origens. Podem ser tantos homens como mulheres. O festejar, nesse contexto, amplifica os significados vinculados às origens e à trajetória dos antepassados, fomentando o sentimento de pertencimento e, ao mesmo tempo, a concepção romantizada e algumas vezes idealizada do processo de colonização. Vale ainda afirmar que essa reconstrução mnemônica gira em torno de uma figura masculina, uma vez que os vínculos se baseiam no sobrenome patrilinear, do pioneiro.

Entretanto, quando em contato com os citadinos, os colonos que ainda residem na zona rural são estigmatizados, uma vez que, na concepção atual, o “colono ideal” é aquele que se moderniza, que ascende socialmente e se desloca para os espaços urbanos. Assim, os que ainda residem na área rural são taxados como menos favorecidos linguisticamente, como grossos, rudes e culpabilizados por sua condição social. Essa perspectiva se organiza partindo de ideias evolucionistas que colocam rural e urbano em um “crescente civilizatório” (PAULILO, 2004), no qual a modernidade seria o ponto norteador da civilidade. Porém, Lévi-Strauss (1976, p. 361) questionou as noções evolucionistas e destaca que as ditas “peculiaridades” de determinada cultura “correspondem ao modo próprio que cada sociedade escolheu para exprimir e satisfazer o conjunto das aspirações humanas”, sendo, assim, estilos de vida, sem ignorar que essas diferentes sociedades contribuem uma para a outra, trocam, partilham. Um exemplo disso, é a distribuição de alimentos que do rural são destinados aos núcleos urbanos. Na comunidade de Rincão dos Alves, são as colonas que produzem alimentos, com base em seus conhecimentos ancestrais, aprendidos com suas mães e avós, que são distribuídos na cidade, mediante a venda pela informalidade à intermediários. Por se relacionar aos saberes-fazeres dos imigrantes europeus, há um forte consumo e valorização desses produtos por seus consumidores citadinos. Por colonos, compreendemos, conforme salienta Seyferth (1983), aqueles agricultoras/es que reivindicam para si uma origem étnica diferenciada. Para fins de ocupação e de reivindicação de políticas públicas, as interlocutoras aqui invocadas, atribuem-se a classificação de agricultoras (familiares).

### **Mulheres e etnicidade**

Tendo entre cinquenta e sessenta anos, as trabalhadoras rurais de Rincão dos Alves, foram, em sua trajetória de vida, atravessadas pelo processo de modernização

do rural, seja com a chegada da eletrificação, dos carros ou das televisões que compõem a mobília das casas, até a aquisição de aparelhos de ar-condicionado, os quais auxiliam no descanso, depois de um longo dia de trabalho, possibilitando conforto e bem-estar. Todavia, em sua memória e seu aprendizado, resguardam outros tempos. Por um lado, de uma infância difícil, na qual dormiam em colchões de pena e iam até a escola de chinelo de dedo, mesmo nas manhãs de frio intenso, característica do inverno no sul do Brasil. Mas, por outro lado, há narrativas memoriais marcadas por um forte saudosismo, relacionadas, sobretudo, ao aprendizado de técnicas de labor em conjunto com a família. Era assim que os mais velhos demonstravam seus afetos, ensinando as crianças a conduzir esse estilo de vida, não apenas mediante métodos de elaboração de dada função vital ao cotidiano camponês, mas, acima de tudo, inculcando-lhes valores, normas e costumes correspondentes a esse contexto rural. Incorpora-se, assim, o *ethos* camponês, como destacou Ellen Woortmann (1995), tais como os valores perpassados pela terra, pelo trabalho e pela família. Porém, em Rincão dos Alves esse *ethos* envolve, ainda, as representações acerca do período colonial, denotando uma particularidade de visões de mundo característica da região sul do Brasil, local em que se constrói esse campesinato de contornos étnicos. Por memórias, compreendemos, como salienta Halbwachs (1990), o passado narrado no presente, por meio das possibilidades e sentidos circulantes neste.

Essas concepções identitárias são passadas de geração a geração, principalmente pela socialização para o trabalho, visto que este é entendido como uma prerrogativa de existência para essas/es trabalhadoras/es rurais. Além de se trabalhar para viver, vive-se para o trabalho e se aprende isso desde muito cedo no interior das famílias. Trabalho, autoridade, afeto e cuidado são vividos em constante tensão. A família, assim, desempenha um papel socializador, porém, para as mulheres camponesas, quem participa mais ativamente da socialização são as outras figuras femininas, como as mães e avós. Fato visível nas falas das interlocutoras:

Era vendo a mãe fazê que a gente aprendeu a fazê as coisa. Eu não gostava de ficá em casa, mas tinha que aprendê (Tereza, 55 anos/Diário de campo, outubro de 2022).

A vó ensinava nós a fazê bolocha, a gente ficava junto, vendo fazê, aprendei assim (Ana, 58 anos/Diário de campo, outubro de 2022).



Por um lado, aprendem a ser boas trabalhadoras rurais, visto que dominam as técnicas de produção e os conhecimentos necessários para a reprodução da condição camponesa e dos cuidados com o grupo doméstico. São também ensinadas a serem boas mães e esposas, dando conta das necessidades básicas do cotidiano camponês, do cuidado da casa e da família. A adjetivação ocorre mediante as ideias particulares que perpassam a construção social das/os agentes em Rincão dos Alves. Ser uma boa agricultora requer o domínio dos métodos do cultivo produtivo e, além disso, prestar-se a uma posição de assessoramento ao masculino, nesse espaço ainda exposto ao mando dos homens, como já destacamos em outros escritos (PIECHA, ZANINI, 2020). Ser uma boa esposa e boa mãe denota, sobretudo, o trabalho de cuidado com filhos, marido e idosos, além da competência acerca das funções domésticas, sobretudo, de higiene familiar e produção e manejo de alimentos, relacionados à soberania alimentar. Além disso, requer-se um conhecimento das hierarquias familiares e grupais, ou seja, de saber qual é o “lugar de mulher”. Esse aprendizado nem sempre ocorre sem tensões, especialmente quanto às questões relativas à transmissão da propriedade da terra, as heranças e às lógicas patriarcais ainda imperantes no espaço estudado. Os projetos individuais femininos nem sempre são bem compreendidos na lógica familiar, mais holista e integrativa.

Esse espectro de mãe e esposa são formadores da identidade dessas mulheres, demandando-lhes funções de acordo com tais papéis sociais e se voltando ao âmbito doméstico. Espaço de domínio feminino, nos quais os métodos e técnicas de elaboração dos trabalhos também o são, sendo esse processo aprendido desde a infância, na casa, enquanto aquela que extrapola os limites da materialidade sendo simbólica e hierarquicamente organizada. Esse processo envolve, ainda, o trato dos animais, sobretudo, vacas leiteiras, galinhas e porcos. Quando recebem visitas, os animais são mostrados, fomentando a honra e prestígio familiar quando bem tratados. Do ponto de vista das lógicas camponesas, isso salienta também o quanto são boas mantenedoras de certa soberania alimentar do grupo.

Em Rincão dos Alves, é comum que desse trato com os animais, sobretudo das vacas leiteiras, surja o queijo colonial, aprendido com as mães e, em muitos casos, retomados com as sogras num processo de socialização secundária, no qual as mulheres, após o matrimônio, “pegam o jeito”, os métodos de elaboração das funções da família que ingressam. A feitura do queijo colonial está intrinsecamente relacionada aos saberes-fazeres de seus antepassados, os imigrantes europeus, envolvendo técnicas

“dos antigos” que, outrora, serviram como alimento para os recém-chegados. Mesmo a história da colonização envolvendo figuras masculinas há de se atentar ao papel das mulheres nesse processo, como mantenedoras das necessidades básicas, sobretudo alimentares, nos tempos primeiros. Essa é uma análise ressaltada por Ethel Kosminsky (2007) quando destaca o papel das mulheres no processo migratório. Embora as mulheres não estejam como protagonistas nos documentos oficiais da migração, sendo sempre irmãs de alguém, esposas de alguém, filha ou mãe de alguém (ZANINI, 2019), elas desempenharam um papel extremamente importante no processo migratório.

Quando chegaram ao Brasil, havia escassez de alimentos, sendo assim, tudo era aproveitado. Fazer uma comida que rendesse e sustentasse esses corpos que trabalham, manualmente, com o uso da força, era uma prerrogativa dessas elaborações. São alimentos não só elaborados, mas pensados, então adquirem um caráter simbólico (WOORTMANN, 2013). Essas elaborações envolvem as qualidades sensíveis, uma ciência do concreto (LÉVI-STRAUSS, 1987). Texturas, sabores, cheiros e cores envolvem o manejo dos alimentos, pois é preciso compreender o “ponto” ideal dos doces de compota, do queijo, bem como da produção de outros alimentos. Sentir, também, a textura da puína que interfere diretamente na condensação da massa que, em seguida, formará o queijo.

Esses produtos foram, inicialmente, confeccionados para o consumo da família e, por haver um excedente, hoje são também, destinados aos mercados urbanos em lógicas de circuitos curtos. O escoamento ocorre pela via da informalidade contando com a presença de intermediários, ou seja, comerciantes urbanos que adquirem esses produtos com o intuito de revendê-los em seus estabelecimentos urbanos. Os comerciantes urbanos reconhecem a qualidade dos produtos confeccionados pelas agricultoras de Rincão dos Alves em relações perpassadas por solidariedade. É importante destacar que as relações que envolvem redes de solidariedade, podem ser díspares, uma vez que, de acordo com Eric Sabourin (1999), envolvem apenas aparências, como é o caso do pouco valor agregado a esses produtos. Tomamos como exemplo o queijo colonial vendido por aproximadamente 15 reais o quilo.

Quem consome essa produção são, majoritariamente, cidadãos da zona urbana que reconhecem a procedência, atribuindo-lhe valor, gosto e pertencimento, sejam étnicos ou familiares. Além disso, esses produtos podem ser compreendidos como bens simbólicos que denotam diferenciação (BOURDIEU, 2000), uma vez que seu significado representa um dado modo de vida, uma forma de honrar e manter as raízes

familiares daqueles que foram considerados, na narrativa vigente, os “heróis-pioneiros” que, mediante o trabalho, ajudaram na construção do país de migração. Todavia, reiteramos que essas concepções não dialogam necessariamente com o observado, mas são embasadas em ideias eugenistas que perduram desde o período colonial. Para quem descende dos imigrantes europeus, e assim se reconhece, essa narrativa pode adquirir sentido e se transformar em uma racionalidade que justifica crenças e práticas. Assim, concordamos com Ellen Woortmann (2013) quando escreve que os alimentos produzem não apenas identidades, mas, também, etnocentrismos.

Os ganhos obtidos com essas vendas são, majoritariamente, destinados à melhoria de vida das famílias, proporcionando maior conforto, bem-estar e suprimindo as necessidades básicas de consumo, como alimentação e vestimentas, assim como investem na educação das/os filhas/os. Estudos anteriores realizados em outros espaços (FLORA; SANTOS, 1986; ZANINI; SANTOS, 2013) enfatizam o que também observamos em Rincão dos Alves. Assim, a família tende a ser privilegiada seguindo a lógica vigente que a compreende como valor e, também, pelo fato destacado pela socióloga Maria José Carneiro (1999) de que as mulheres camponesas não passam pelo processo de individuação, mas compõem essa instituição holista que é a família. Porém, destacamos que a decisão de usar esses ganhos com a família passa sempre pelas trabalhadoras rurais e há sempre um proveito individual, existindo alguma autonomia.

Comprendemos essas lógicas que resguardam os saberes-fazeres daqueles que contam parte da história do Brasil resultantes de uma identidade de resistência, conforme Manuel Castells (1999), que se manifesta contra diversas formas de opressão. James Scott (1985) volta-se às lutas invisíveis dentro da estrutura social local se dedicando às resistências cotidianas, isto é, aquelas que se expressam em práticas e discursos, muitas vezes difusos e fragmentados, que orientam as interações cotidianas entre dominantes e dominados. Podem ser resistências espontâneas, dissimuladas, sem organização prévia e fins simbólicos ou materiais em relação à estrutura de poder (SCOTT, 1985). Já Michel de Certeau (1994) compreende algumas práticas cotidianas enquanto táticas, como resistências, performances operacionais que dependem de saberes antigos e se consolidam em permanências e continuidades, numa produção local da história. Assim, pequenas práticas cotidianas podem, em si e nas suas manifestações, tecerem resistências.

Além disso, essas elaborações de alimentos que representam um dado modo de vida e o conseqüente ganho que deles advém, criam novas possibilidades de existência para essas trabalhadoras, uma vez que “lidar com o dinheiro” foi, por muito tempo, considerado “coisa de homem”. Há, desse modo, espaço para agência, como aquela que proporciona a criação de um cenário diferente daqueles a que as sujeitas foram expostas estruturalmente, como destaca Sherry Ortner (2007). As colonas de Rincão dos Alves, mostram-se, assim, como agentes geradoras de renda, uma renda que sana as necessidades básicas das famílias. Desse modo, é pelo trabalho feminino e do ganho que dele advém, que a reprodução cotidiana camponesa em Rincão dos Alves é possível. Isso é possível por meio da propagação de conhecimentos e práticas que transpassam gerações, por/entre mulheres em processos de socialização que envolvem hierarquias, símbolos e representações de uma organização familiar, social e cultural.

### **Considerações finais**

Com uma história que se concentra na colonização europeia, como processo desenvolvimentista e de branqueamento da população brasileira, com base em ideias eugenistas, a construção das identidades em Jaguari gira em torno dos mitos e histórias resguardadas nas memórias a respeito dos tempos iniciais dos colonos em solo brasileiro. Marcado por adversidades diversas, nesse período se inicia o processo de construção das identificações dos recém-chegados da Europa, que se estende a seus descendentes, tomando como principal atributo sua relação com o trabalho visando acúmulo de capital e ascensão social. É pelo trabalho que domesticaram a natureza hostil e, em seguida, ascendem socialmente, o que lhes atribui moralidade e civilidade.

Essa identidade fomenta-se pelo processo de socialização, no qual, mais uma vez, o trabalho tem um papel central e definidor de muitas localizações sociais. É na convivência cotidiana, em contato com os membros da família, que essas/es trabalhadoras/es rurais aprendem as técnicas de manutenção e cuidado da propriedade, mas, acima de tudo, incorporam valores caros para esse dado modo de vida. No processo de socialização das mulheres, quem ativamente as educam são suas mães e avós, transmitindo saberes e fazeres relacionados ao trabalho da casa e do cuidado - isso sem deixar de conhecer e executar uma parcela significativa das funções produtivas. Com suas mães e avós não somente aprendem a produzir alimentos, mas a manejá-los de diferentes formas em práticas culinárias que se relacionam a sua descendência. É um processo que envolve técnicas manuais e se baseia em suas

qualidades sensíveis, envolvendo cheiros, texturas e sabores, mas também é perpassado por hierarquias numa forma de fomentar as raízes familiares e os significados e representações desse modo de vida camponês oriundo da imigração europeia no Brasil.

Todavia, a história desse rural ainda gira em torno dos homens, seja no passado, pelos mitos envoltos aos heróis-pioneiros, como no presente, visto que as/os trabalhadoras/es da comunidade de Rincão dos Alves se encontram, agora, imersos na lógica do agronegócio, que se concentra na esfera produtiva, de domínio masculino. São os homens que aparecem nas negociações oficiais. Porém, são as agricultoras da comunidade que, mediante seu trabalho, que abarca saberes-fazeres transmitidos de geração em geração por/entre mulheres, preservam os conhecimentos tradicionais envolvidos na sobrevivência dessas identidades, como outrora foi, dessas famílias. Hoje, esses saberes-fazeres garantem às mulheres uma possibilidade de sustento em um rural ainda dispare, sobretudo, quando tratamos da divisão dos ganhos. Suas lógicas e visões de mundo as inclinam a destinar esses ganhos à melhoria de vida de seu núcleo familiar, porém esses saberes-fazeres alimentam e contam a história da constituição desse território.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARROS, Myriam Lins de. Memória e Família. **Estudos Históricos**, vol.2, n.3, p.29-42, 1989.

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: **Teorias da Etnicidade**. POUTIGNAT, Philippe et al. São Paulo: UNESP, 1998. p.187-227.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FLORA, Cornelia Butler; SANTOS, Blas. "Women in Farming Systems in Latin America." In: NASH, Helen (Ed.). **Women and Change in Latin America**. Massachusetts: Bergin & Garvey, 1986, p. 208-228.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Petrópolis: Vozes, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

KOSMINSKY, Ethel. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. **Estudos feministas**, v.15(3), p.773-804, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Zahar, p.328-366, 1976.

MARCHIORI, J. N. C.. **Esboço Histórico de Jaguari**. Santa Maria: Palotti, 1999.

ORTNER, Sherry B.. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n.28, p. 375-405, jul./dez. 2007.

SCOTT, J. Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance. New Haven and London: Yale University Press, 1985.

SEYFERTH, Giralda. Campesinato e Estado no Brasil. **Revista MANA**, 2011.

SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**, 1993.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil). **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 29, p. 57-71, 1986.

WOORTMANN, Ellen. Comida como linguagem. Goiânia: **Revista Habitus**, v. 11, n. 1, p. 5-17, 2013.

WOORTMANN, Ellen. Teorias do campesinato e teorias do parentesco. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: Hucitec, Brasília: UnB, 1995.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. As mulheres na imigração italiana para o Rio Grande do Sul. IN: BACCA, Ademir Antonio. **150 anos da imigração italiana para o Rio Grande do Sul**. V.1. Bento Gonçalves, Projecto Cultural Sur/Brasil, p.394-400, 2019.

ZANINI, Maria Catarina C.; SANTOS, Miriam de Oliveira. Colônias Italianas no Sul do Brasil: Estigma e Identidade. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS; Leonilde Servolo de (Orgs). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A Família como Patrimônio: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos. **Campos - Revista de Antropologia**, [S.l.], june 2004.